

NOVA TARIFA

# Cobrança dispara corrida pelo reúso

Intensidade da demanda por tecnologia do uso racional da água chega a surpreender Firjan

Fábio Nascimento, Mariana Procópio, Ana Gabriela Saboya\*  
do Rio e de São Paulo

A decisão da Agência Nacional das Águas (Ana) de iniciar a cobrança pelo uso da água nas bacias federais (rios que atravessam mais de um Estado) já serve de estímulo à adoção de programas de racionalização e reutilização da água por várias indústrias do País. A tendência adquire maior velocidade nas margens do rio Paraíba, que corre por Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, onde a cobrança, segundo promete a Ana, estará implementada no mais tardar até outubro.

"A possibilidade de cobrança pelo uso da água fez com que as empresas reavaliassem a captação de recursos hídricos", afirma Luís Augusto Carneiro, assessor de recursos hídricos da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). Já segundo Luís Heckmaier, diretor do departamento de controle ambiental da Fundação Estadual de Engenharia e Meio Ambiente (Feema), também do Rio, o número de companhias interessadas em conhecer o sistema de reutilização da água dobrou diante da perspectiva de cobrança. "Muitas empresas têm-nos consultado nos últimos meses. Pelo movimento, acredito que esteja sendo criado um novo mercado", afirma. "É o que chamo de investimento a toque de vara", define Sérgio Ricardo, secretário executivo da Assembléia Permanente em Defesa do Meio Ambiente do Rio (Apedema/RJ), entidade que congrega 107 grupos ligados ao meio ambiente. "Com a Lei Federal 9433, conhecida como Lei das Águas, os recursos hídricos passaram a ter um valor econômico muito alto". A cobrança pelo uso da água nada tem a ver com a atual tarifa que empresas e re-



sidências pagam. Esta é a taxa cobrada pelos serviços de captação, tratamento e distribuição.

### Duas fecham circuito

Atualmente, destaca Heckmaier, apenas duas empresas no Rio reutilizam 100% da água captada, ambas do setor de papel e celulose. A fábrica da Indústria de Papel e Embalagens (Cibrapel) e a planta do Grupo Klabin, localizada em Guapimirim. Segundo José Osival, diretor de energia e recursos hídricos do Grupo Klabin, o modelo implementado entre 1994 e 1997 em Guapimirim é exemplo para outras unidades do grupo. "Estamos fazendo investimento similar em outros estados para atingir padrão equivalente", afirma. Em três anos de investimento, a planta reduziu o consumo de 10 m<sup>3</sup> por tonelada de papel produzido para 1,5 m<sup>3</sup>/tonelada.

Ao Grupo Klabin e Cibrapel somam-se outras 12 indústrias fluminenses que reaproveitam parcialmente os recursos hídricos. "Todas de grande e médio portes",

ressalta Heckmaier. Em dezembro de 2000, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) investiu cerca de R\$ 27 milhões na construção de uma unidade capaz de tratar 90 mil litros de água por hora. Hoje em dia, a CSN recircula 34 mil litros por segundo. Caso a empresa tivesse que pagar pelo uso da água, gastaria o equivalente a R\$ 11 mil por mês, de acordo com o valor estabelecido pelo Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba (Ceivap).

### Controle precede cobrança

Antes de ser autorizada a cobrança pelo uso da água, algumas empresas já pagavam a concessionárias pelo aproveitamento de recursos hídricos. "Nestas companhias, a captação de efluentes já era mais controlada", afirma Sérgio Ricardo. Este é o caso da planta da Bayer, em Belford Roxo. Desde 1996, a multinacional alemã implantou sistema de reciclagem de água.

A partir do segundo semestre de 2003, a Petroflex, maior produtora

de borracha sintética da América Latina, dará início ao projeto de reutilização da água. Com o reúso de efluentes, a empresa deixará de captar 160 mil m<sup>3</sup> mensais de água do Rio Guandu, equivalente a 56% da captação total. Outros 150 mil m<sup>3</sup> utilizados são provenientes do Rio Saracuruna. A Petroflex estuda se adotará o método de micro-filtração ou campos de areia.

Além de deixar de captar água do Guandu, a empresa vai parar de despejar cerca de 80% dos 200 mil m<sup>3</sup> mensais de efluentes na Baía de Guanabara. "Passaremos a emitir apenas 40 mil m<sup>3</sup> de efluentes e reutilizaremos a água em torres de refrigeração e lavagem de piso industrial", detalha a coordenadora de Meio Ambiente da Petroflex, Solange Correa.

### Montadoras acompanham

A General Motors do Brasil lançou no início deste ano uma campanha de uso racional da água em todas as seis unidades industriais. A empresa investe no programa neste ano em torno de US\$ 700 mil e o objetivo é reduzir o consumo em 5%. A nova fábrica da Ford em Camaçari, na Bahia, já nasceu com sistemas que economizam água. Numa montadora, é no setor de pintura que está o maior consumo de água. Em Camaçari, a Ford recicla 40 mil metros cúbicos de água por mês.

A febre da redução do consumo de água contamina até mesmo os hotéis: a rede Transamérica Flats, por exemplo, que desde o ano passado, com a crise de energia, começou a fazer uma campanha para racionalização do uso de energia, atacou, recentemente, a questão da água. Com uma medida simples—instalação de redutores nos chuveiros—o grupo conseguiu uma economia de 30% no consumo de água em seus 18 flats espalhados por São Paulo, Campinas, Sorocaba e Belo Horizonte.

\* do Panorama Setorial